

**NOMEAÇÕES DE ESPAÇOS URBANOS DE RIO BRANCO (AC) EM LIBRAS:
CONTRIBUIÇÕES PARA O ATLAS TOPONÍMICO EM LIBRAS DO BRASIL**

**APPOINTMENTS OF URBAN SPACES IN RIO BRANCO (AC) IN LIBRAS:
CONTRIBUTIONS TO THE *TOPONYMIC ATLAS IN LIBRAS OF BRAZIL***

Alexandre Melo de Sousa¹

Universidade Federal do Acre (UFAC)

Universidade Federal do Estado do Mato Grosso (UNEMAT)

João Renato dos Santos Junior²

Universidade Federal do Acre (UFAC)

Thiago dos Santos Souza³

Universidade Federal do Acre (UFAC)

Matheus de Menezes Zegarra⁴

Universidade Federal do Acre (UFAC)

Resumo: Este artigo trata sobre a toponímia em Libras de oito espaços urbanos de Rio Branco, Acre. O objetivo é analisar os topônimos selecionados quanto ao aspecto formal (fonético-fonológico e morfológico) e semântico-motivacional. A metodologia toma como base os estudos de Dick (1990; 1992) e Sousa (2019; 2022b). Os dados selecionados para este estudo foram pesquisados em materiais didáticos do Curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre, do Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI) da Universidade Federal do Acre, e do Centro de Apoio ao Surdo do Estado do Acre (CAS/AC) e validados com surdos que integram o Grupo de Pesquisa ESLIN (Educação de Surdos, Libras e Inclusão), da Universidade Federal do Acre. Os dados contribuem para o projeto Atlas Toponímico em Libras do Brasil, em desenvolvimento na Universidade Federal do Acre com parcerias de diversas Instituições de Ensino Superior nacionais.

Palavras-chave: Toponímia; Libras; Espaços Urbanos; Rio Branco; Atlas Toponímico em Libras do Brasil.

Abstract: This article deals with the toponymy in Libras of eight urban spaces in Rio Branco, Acre. The objective is to analyze the selected toponyms in terms of their formal (phonetic-phonological and morphological) and semantic-motivational aspects. The methodology is based on studies by Dick (1990; 1992) and Sousa (2019; 2022b). The data selected for this study were researched in teaching materials from

¹ Doutor em Linguística com Pós-Doutorado em Linguística Aplicada/Libras. Líder do Grupo de Pesquisa ESLIN (Educação de Surdos, Libras e Inclusão). Coordenador do *Projeto Atlas Toponímico em Libras do Brasil*. alexalinguista@gmail.com

² Mestre em Educação pela Universidade Federal do Acre. Membro do Grupo de Pesquisa ESLIN (Educação de Surdos, Libras e Inclusão). joao.junior@ufac.br

³ Graduando em Letras Libras da Universidade Federal do Acre. Bolsista PIBIC/UFAC. thiago.souza@sou.ufac.br

⁴ Graduando em Letras Libras da Universidade Federal do Acre. Bolsista PIBIC/UFAC. matheus.zegarra@sou.ufac.br

the Libras Language Course at the Federal University of Acre, the Inclusion Support Center (NAI) at the Federal University of Acre, and the Center for Support to the Deaf in the State of Acre (CAS /AC) and validated with deaf people who are part of the ESLIN Research Group (Education for the Deaf, Libras and Inclusion), at the Federal University of Acre. The data contribute to the project Toponymic Atlas in Libras do Brasil, under development at the Federal University of Acre in partnership with several national Higher Education Institutions.

Keywords: Toponymy; pounds; Urban Spaces; White River; Toponymic Atlas in Libras.

Recebido em 30 de setembro de 2022.

Aprovado em 03 de novembro de 2022.

Considerações iniciais

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida legalmente como língua nacional de comunicação e expressão dos Surdos brasileiros tenha ocorrido em 2002, por meio da Lei 10.436/2002 (e regulamentada pelo Decreto 5626/2005). A partir deste momento, os estudos com foco na Libras começaram a se ampliar a se aprofundar em todos os níveis linguísticos: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, discurso e léxico. No caso do léxico, vários estudos focaram nas questões neológicas, na ampliação lexical, na formação do léxico, nas construções lexicográficas, entre outras.

No presente estudo, vamos destacar um dos campos dos estudos lexicais: a Onomástica, que é a disciplina linguística que cuida dos nomes próprios em geral (SOUSA, 2022a). De maneira especial, trataremos das nomeações próprias em Libras de espaços urbanos de Rio Branco, Acre – trata-se, portanto, de um estudo toponímico: a disciplina onomástica que se dedica ao estudo dos nomes próprios de espaços geográficos.

Vale destacar, ainda, que este trabalho apresenta contribuições para o Projeto Atlas Toponímico em Libras do Brasil – projeto desenvolvido na Universidade Federal do Acre (UFAC) sob a coordenação do professor Alexandre Melo de Sousa e que conta com a parceria de diversas instituições como Universidade Federal do Tocantins, Universidade do Estado do Mato Grosso, Universidade Estadual de Feira de Santana, Universidade Federal de Santa Catarina entre outras.

Partimos do seguinte objetivo geral: analisar topônimos em Libras que nomeiam espaços urbanos de Rio Branco, quanto aos aspectos formais (fonético-fonológico), semânticos-motivacionais. Foram escolhidos os seguintes espaços urbanos da capital acreana: MEMORIAL DOS AUTONOMISTAS, MUSEU DA BORRACHA, PALÁCIO

DO GOVERNO, PASSARELA JOAQUIM MACEDO, RODOVIÁRIA INTERNACIONAL, SKATE PARQUE, TERMINAL URBANO e VIA VERDE SHOPPING.

1. O Atlas Toponímico em Libras do Brasil

A Toponímia é a área da Onomástica que se dedica ao estudo dos nomes próprios de lugares (espaços geográficos) (DICK, 1990; 1992). No Brasil, os estudos toponímicos iniciaram com foco nas contribuições das línguas indígenas para as nomeações dos diversos espaços geográficos brasileiros. Destacaram-se: Sampaio (1901), Oliveira (1957), Cardoso (1961), Drumond (1965) e Mello (1967). Esses estudos debruçaram-se, de modo particular, aos aspectos etimológicos dos topônimos.

A partir da década de 1980, a professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, da Universidade de São Paulo (USP), lançou olhar sobre a toponímia brasileira, analisando o signo toponímico (o nome próprio de lugar) a partir de dois níveis formal e semântico-motivacional, numa perspectiva interdisciplinar – o que constituiu um divisor de águas nos estudos toponímicos do Brasil e cuja metodologia proposta pela professora Dick passou a ser utilizada nas pesquisas desenvolvidas na área a partir de então (SOUSA; DARGEL, 2020), inclusiva para a elaboração do Atlas Toponímico do Brasil.

De acordo com Sousa e Dargel (2020, p. 10):

Os estudos foram avançando e as divulgações em eventos científicos levaram outros pesquisadores a elaborarem projetos de Atlas toponímicos pelo Brasil, com objetivos claros de investigar a escolha dos nomes dos espaços geográficos (físicos e humanos), além de analisá-los linguisticamente, verificar suas variantes e heranças brasileiras incorporadas, as influências culturais e da própria paisagem nos designativos geoespaciais e, numa visão mais ampla, traçar o perfil toponímico das diferentes regiões do País.

O modelo de análise de Dick (1980, 1990, 1992, 1996, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2004, 2006) leva em consideração, principalmente, a interpretação linguística de seus formantes e constitui um importante instrumento para a aferição “objetiva das causas motivadoras dos acidentes geográficos” (DICK, 1990, p. 24) com base nos contornos de ordem geoambiental, antropocultural, socioeconômico refletidos no nome de lugar, a partir da ação do nomeador (o indivíduo e/ou grupo social).

No Brasil, vários Atlas Toponímicos em desenvolvimento, no entanto, o primeiro a incluir os dados em Libras é o *Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira*, em

desenvolvimento na Universidade Federal do Acre. Para o tratamento dos dados em Libras, o professor Alexandre Melo de Sousa, coordenador do projeto, incluiu pesquisadores/as surdos/as: Manuella Trindade Bezerra, João Renato dos Santos Junior, Lucas Vargas Machado da Costa, Monalisa Abreu Teixeira e Gustavo Marques Brandão.

A partir de 2022, o professor Alexandre Melo de Sousa iniciou o *Projeto Atlas Toponímico em Libras do Brasil* (ATLB) que tem por objetivos: a) documentar os dados toponímicos em Libras no território nacional, a partir de trabalhos já desenvolvidos que tiveram como foco análises de sinais em Libras dos municípios brasileiros, em cada estado; e também a coleta de dados novos a partir de entrevistas com Surdos de referência de cada estado; b) verificar variações dos sinais em Libras que nomeiam os espaços geográficos brasileiros; c) traçar o perfil semântico-motivacional da toponímia brasileira em Libras.

O projeto conta com parceria de diversas instituições de ensino superior brasileiras, por meio de pesquisadores/as surdos/as e ouvintes. Integram o projeto: Universidade Federal do Acre (UFAC), Universidade Federal do Tocantins (UFT), Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) entre outras. Os dados são informados por participantes surdos de todos os estados do Brasil.

Na primeira fase, o ATLB disponibilizará os dados da macrotoponímia (municípios) em Libras do espaço geográfico nacional: serão apresentados os sinais (e variações) e seus respectivos aspectos motivacionais. Na segunda fase, os dados darão conta da microtoponímia (bairros, ruas, praças etc.) com seus referentes motivacionais também.

Com esse projeto espera-se documentar os dados toponímicos em Libras como fonte para consultas on-line e para documentação dos itens lexicais. Assim, serão possíveis análises formais dos dados, investigações semânticas, descrições variacionais entre outras possibilidades de investigações linguísticas.

O estudo toponímico em Libras, descrito em Sousa (2018; 2019, 2022b), considera os aspectos formais (fonético-fonológico e morfológico), semântico-motivacional e icônico dos sinais.

Quanto aos aspectos formais, o topônimo em Libras é estruturado, fonético-fonologicamente a partir dos seguintes parâmetros: a Configuração de Mão (CM) é a forma que a mão, como articulador primário, assume no momento da produção do sinal; o Movimento (M), como o próprio nome indica, constitui o deslocamento, no espaço ou no contato entre os articuladores corporais, em determinada direção, na produção do sinal; a Locação (L) é o local exato em que o sinal é produzido, que pode ser o espaço neutro (à frente do corpo do sinalizante) ou em alguma parte específica do corpo do sinalizante (como o dorso da mão, o antebraço, a testa, etc.).

Esses parâmetros foram definidos por Stokoe (1960). Há, ainda, dois outros parâmetros definidos por Battison (1974): a Orientação da palma da mão (O), que é a direção apontada pela palma da mão na produção do sinal; e as Expressões Não- Manuais (ENM), que são os movimentos do corpo (troco, cabeça), da face (sobrancelhas, olhos, bochechas, lábios) executados, concomitantemente, aos movimentos dos articuladores primários (as mãos) na produção dos sinais.

Os parâmetros, apesar de serem, em princípio, componentes fonológicos, assumem também estruturas e funções morfológicas (há parâmetros que constituem morfemas), sintáticas (marcando construções de enunciados), semânticas (modificando sentidos e construindo significados), estilísticos (marcas de expressividade), etc.

Sousa (2022b) observa quatro diferentes formações para o termo específico⁵: Simples: Ocorre “quando há apenas um formante da língua de sinais nativa” (SOUSA, 2022b, p. 53); Simples híbrido: Ocorre “quando há apenas um formativo com empréstimo da língua oral em sua estrutura” (SOUSA, 2022b, p. 53); Composto: Ocorre “quando há mais de um formativo e todos são da língua de sinais nativa” (SOUSA, 2022b, p. 53); Composto híbrido: Ocorre “quando há mais de um formante: sendo pelo menos um da língua de sinais nativa e pelo menos outro com empréstimo da língua oral ou outra língua de sinais distinta” (SOUSA, 2022b, p. 53);

Quanto aos aspectos semântico-motivacionais, tomamos como base os estudos de Dick (1990, 1992) que foram descritos e exemplificados por Sousa (2022b) para os dados em Libras. Dick (1990, p. 38) explica que o topônimo (signo toponímico) é, estruturalmente, um signo como qualquer outro da língua. Contudo, quando pensado em sua funcionalidade, esse elemento linguístico passa a ser marcado duplamente: “O que

⁵ O sintagma toponímico, como explica Dick (1990), é formado pelo termo genérico (o nome do acidente geográfico: rio, cidade, morro, cachoeira etc.) e o termo específico (o nome próprio do acidente, por exemplo: em Rio Negro, Negro é o termo específico).

era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado.” Essa, inclusive, é uma das principais características do topônimo.

De acordo com Dick (1990), o duplo aspecto motivacional do topônimo se revela em dois momentos: na intencionalidade do nomeador e na origem semântica no topônimo. Quanto à intencionalidade do nomeador, há que se considerar que o ato de nomear é movido por circunstâncias, objetivas ou subjetivas, que levam o nomeador a escolher um determinado designativo, em meio a uma gama de possibilidades. Quanto à origem semântica do topônimo escolhido, considera-se o significado que o nome selecionado revela, “de modo transparente ou opaco”, de origens diversas, inclusive (DICK, 1990, p. 39).

Dick (1990), considerando as diferentes naturezas motivadoras para a escolha de um dado nome para um espaço geográfico, e considerando os conceitos de ambiente (físico e social), estabeleceu 27 taxionomias⁶ classificatórias para os topônimos: 11 de natureza física e 16 de natureza antropocultural.

As taxionomias de natureza física são aquelas cujos motivadores se relacionam com aspectos descritivos do próprio espaço nomeado (cor, dimensões, formas) ou relacionados com os elementos naturais que constituem o espaço físico (fauna, flora, astros, elementos hídricos, elementos geológicos, etc.).

As taxionomias de natureza antropocultural são aquelas cujos motivadores se relacionam com aspectos inerentes ao povo (sentimentos, nomeações), à cultura (elementos materiais e imateriais), à história (datas e personagens), à espiritualidade (religiosidade, dogmas, locais e fé), às organizações sociais e profissionais, entre outros aspectos ligados ao espaço nomeado.

Com relação aos aspectos icônicos, inicialmente é preciso definir a iconicidade como a relação direta que se estabelece entre a forma linguística e seu referente (TRASK, 2004). Em línguas sinalizadas, a iconicidade é considerada um traço da própria estrutura da língua uma vez que, o modo de produção, envolvendo articuladores (corporais, como mãos, braços, etc.) em movimento num espaço tridimensional favorece a associação entre a construção sinalizada (seja do sinal, seja das sentenças, por exemplo) e seu referente (TAUB, 2001; QUADROS, 2019).

⁶ Para maior detalhamento das taxionomias em Libras, sugerimos consultar Sousa (2022b).

Taub (2001) demonstra o processo de formação dos itens lexicais icônicos a partir de um processo que envolve a seleção, a esquematização e a codificação. A etapa da seleção corresponde à escolha de uma imagem representativa e coerente com o referente; a etapa da esquematização corresponde à reformulação da imagem representativa, em seus aspectos mais relevantes, que possam se estruturar na articulação fonética e na construção semântica da língua; a etapa da codificação corresponde à materialização da forma linguística - o sinal propriamente dito.

No presente artigo, trataremos da toponímia de espaços urbanos de Rio Branco, como dissemos, a partir da análise de oito sinais que nomeiam ambientes situados na capital acreana. A metodologia será apresentada a seguir.

2. Metodologia

Rio Branco é a capital do Acre – estado localizado na Região Norte do Brasil. De acordo com Garcia, Sousa e Santos (2021), o estado do Acre conta com, aproximadamente, mil surdos – a maior parte deles estão na capital Rio Branco. Na Universidade Federal do Acre, especialmente no curso de Licenciatura em Letras Libras, há surdos docentes e discentes. Como todo cidadão, os surdos circulam e fazem parte do espaço urbano da cidade: estudam, trabalham, frequentam os espaços de lazer. As nomeações espaciais são fatores de referência e localização em qualquer espaço social (SOUSA, 2022b). Desse modo, o surdo nomeia os espaços em sua própria língua, a partir de sua percepção visual e cultural.

Os dados selecionados para este estudo foram pesquisados em materiais didáticos do Curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre, do Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI) da Universidade Federal do Acre, e do Centro de Apoio ao Surdo do Estado do Acre (CAS/AC) e validados com surdos que integram o Grupo de Pesquisa ESLIN (Educação de Surdos, Libras e Inclusão), da Universidade Federal do Acre. A validação foi importante para confirmarmos os dados e detectarmos eventuais variação dos topônimos.

Os sinais foram selecionados e gravados no Laboratório de Libras do Centro de Educação, Letras e Artes (CELA), da Universidade Federal do Acre, pelo pesquisador surdo do presente texto. Após selecionados e gravados, os sinais foram armazenados em fichas-lexicográfico toponímicas, propostas por Sousa e Quadros (2019), que contém os

seguintes campos de preenchimento: **localização** (apresentação do espaço em estudo no Google Maps); **tipo de acidente geográfico** (acidente geográfico físico ou humano); **topônimo em Libras** (sinal utilizado pelo surdo para nomear o espaço apresentado em vídeo); **classificação taxionômica para o topônimo em Libras** (taxionomias propostas por Dick, exemplificadas, em Libras, em Sousa (2022b)); **topônimo em escrita de sinais** (será utilizado o sistema *SignWriting* para a escrita do sinal).

As fichas apresentam, ainda: **estrutura fonológica do sinal toponímico** (apresentação da descrição fonológica do sinal em seus parâmetros formadores); **estrutura morfológica do sinal toponímico** (apresentação morfológica do sinal toponímico, considerando sua estrutura de formação: simples, simples híbrida, composta e composta híbrida); **contexto motivacional de criação do sinal** (vídeos dos informantes surdos); **informações históricas e geográficas do espaço pesquisado** (vídeo em Libras sobre informações históricas e geográficas do espaço pesquisado); **fonte** (obras, vídeos, mapas, sites ou outras fontes utilizadas para a coleta dos dados e para o preenchimento das fichas); **pesquisadores** (surdos e ouvintes que participaram da coleta, do preenchimento e da revisão das informações presentes na ficha).

Os dados selecionados gravados pelo autor surdo deste artigo e, em seguida, foram armazenados no Canal do Youtube do Projeto Toponímia em Libras. Os links são apresentados no quadro a seguir:

Quadro 1 – Links dos vídeos dos espaços urbanos de Rio Branco

sinais	links
MEMORIAL DOS AUTONOMISTAS	https://youtu.be/M86GYS_9wQE
MUSEU DA BORRACHA	https://youtu.be/KLhtphwUjVs
PALÁCIO DO GOVERNO	https://youtu.be/Ljyl8mTmmcY
PASSARELA JOAQUIM MACEDO	https://youtu.be/gyQGF4WeCP8
RODOVIÁRIA INTERNACIONAL	https://youtu.be/BOf6Y0GAWTo
SKATE PARQUE	https://youtu.be/fP7i6TRi0mQ
TERMINAL URBANO	https://youtu.be/9xicu53u6Gc
VIA VERDE SHOPPING	https://youtu.be/N47KMOHDImQ

Fonte: Dados da pesquisa.

Após armazenarmos os dados, passamos para a análise que se deu a partir da descrição fonético-fonológica de cada item e a partir da classificação semântico-motivacional dos sinais toponímicos.

3. Análise dos dados

Os sinais selecionados foram descritos quanto à estrutura fonético-fonológica, foram classificados quanto à composição morfológica e quanto aos aspectos semântico-motivacionais. Para cada descrição estrutural, apresentamos um quadro com as divisões em escrita de sinais (SignWriting) para melhor visualização dos elementos.

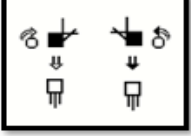












3.1 Análise formal

O sinal MEMORIAL DOS AUTONOMISTAS é realizado em dois momentos com as duas mãos ativas: no primeiro momento, o sinal é realizado com a configuração das mãos em nº 28⁷, referente à letra “P” do alfabeto manual. A palma da mão é orientada para baixo, no espaço neutro fazendo movimento semicircular de dentro para fora.

No segundo momento, o sinal é realizado com a configuração das mãos em nº 59a, referente à letra “M” do alfabeto manual. A palma da mão é orientada para trás, no espaço neutro, em movimento retilíneo plano parede para baixo. O sinal não apresenta expressões não manuais.

⁷ Para a identificação das configurações de mão foi utilizada a indicação dos Grupos de Configurações de Mãos apresentados por Barreto e Barreto (2015, p. 321-330).

Figura 1 – Estrutura do sinal MEMORIAL DOS AUTONIMISTAS

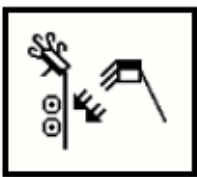







Sinal escrito Memorial dos Autonomistas	Configuração de mãos	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de palma	Expressão facial/corporal
	 CM em “P” (MD) ¹	Espaço neutro	 Círculo de giro total de pulso na mão direita (MP) ²	 Palma da mão para frente (MD).	Sem expressão facial e corporal
	 CM em “P” (ME) ²		 Círculo de giro total de pulso na mão direita (MP) ³	 Palma da mão para a frente (ME).	
	 CM em “M” (MD).		 Seta dupla para baixo (ME) ⁵	 Palma da mão para trás (ME).	
	 CM em “P” (ME).		 Seta dupla para baixo (MD) ⁶	 Palma da mão para trás (ME).	

Fonte: Elaborado pelos autores.

O sinal MUSEU DA BORRACHA é realizado com duas mãos, sendo uma ativa e outra passiva. A mão ativa apresenta-se com configuração em nº 59a, referente à letra “M” do alfabeto manual. A palma da mão é orientada para baixo, e usa o braço da mão passiva como ponto de articulação.

O movimento é realizado na diagonal, plano chão, direcionado para a esquerda, esfregando no braço (ponto de articulação) em dois momentos, de maneira semelhante. A mão passiva apresenta-se em configuração nº 37, orientada com a palma para cima no espaço neutro sem movimento. O sinal não apresenta expressões não-manuais.

Figura 2 – Estrutura do sinal MUSEU DA BORRACHA

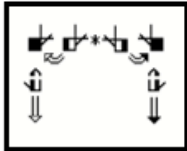


















Sinal escrito Museu da Borracha	Configuração de mãos	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de palma	Expressão facial/corporal
	 CM em "M" (MD).  CM com dedos espalmados (ME).	 Ponto de articulação antebraço esquerdo.	 Movimento "escovar".  Setas dupla na diagonal para baixo e para esquerda.	 Palma da mão para baixo.  Palma da mão para direita.	Sem expressão facial e corporal

Fonte: Elaborado pelos autores.

O sinal PALÁCIO DO GOVERNO é realizado com duas mãos ativas: no primeiro momento, a mão se apresenta com a configuração em nº 92, referentes à letra "P" do alfabeto manual. As palmas das mãos apresentam-se, inicialmente, com a mão direita para o lado esquerdo e a mão esquerda para o lado direito; em seguida, ambas as palmas das mãos são orientadas para a frente.

No segundo momento, as duas mãos ativas assumem a configuração de mãos nº 35. As mãos se apresentam com as palmas abertas, orientadas uma em oposição à outra, na horizontal, com os dedos direcionados para frente e palma das mãos no espaço neutro. O movimento é retilíneo plano parede para baixo. O sinal não apresenta expressões não-manuais.

Figura 3 – Estrutura do sinal PALÁCIO DO GOVERNO

Sinal escrito Palácio do Governo	Configuração de mãos	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de palma	Expressão facial/corporal
	 CM em "P" (MD).	Espaço neutro	 Movimento "tocar".	 Palma da mão para esquerda.	Sem expressão facial e corporal
	 CM em "P" (MD).		 Setas semicircular (MD).	 Palma da mão para frente.	
	 CM dedos fechados e polegar estendido (MD).		 Setas semicircular. (ME).	 Palma da mão para esquerda.	
	 CM em "P" (ME).		 Seta dupla para baixo (MD).	 Palma da mão para esquerda.	
	 CM em "P" (ME).		 Seta dupla para baixo (ME).	 Palma da mão para direita.	
	 CM dedos fechados e polegar estendido (ME).			 Palma da mão para frente.	
				 Palma da mão para esquerda.	

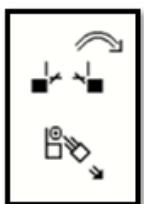











Fonte: Elaborado pelos autores.

O sinal PASSARELA JOAQUIM MACEDO é realizado em dois momentos: no primeiro momento, utilizam-se duas mãos ativas em configuração de nº 28, referente à letra "P". As palmas das mãos ficam para baixo e se articulam no espaço neutro com o movimento em arco (semicírculo), de frente para trás, no plano chão.

No segundo momento, o sinal é realizado também com duas mãos, sendo uma ativa e outra passiva. A mão ativa, em configuração nº 59a, referente à letra "W" do alfabeto não manual, encontra-se com a palma orientada para trás em diagonal.

O movimento também é realizado em diagonal, de acordo com a posição da mão atrás do dedo indicador. A mão passiva encontra-se em configuração nº 01, com a palma da mão orientada para o lado, de modo que o sinalizador veja a palma no espaço neutro. Nesse momento, a mão não apresenta movimentos. O sinal PASSARELA JOAQUIM MACEDO não apresenta expressões não manuais.






Figura 4 – Estrutura do sinal PASSARELA JOAQUIM MACÊDO

Sinal escrito Passarela Joaquim Macedo	Configuração de mãos	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de palma	Expressão facial/corporal
	 CM em "P" (MD).	Espaço neutro.	 Seta de ponta geral em semicírculo.	 Palma da mão para frente.	Sem expressão facial e corporal
	 CM em "P" (ME).		 Tipo de contato "escovar".	 Palma da mão para frente.	
	 CM em indicador (ME).		 Setas dupla com ponta preta na diagonal para baixo e para direita.	 Palma da mão para trás.	
	 CM em "M" (MD).		 Palma da mão para trás.		

Fonte: Elaborado pelos autores.

O sinal **RODOVIÁRIA INTERNACIONAL** é realizado com duas mãos: uma ativa e outra passiva. A mão ativa apresenta-se configurada em nº 15, referente à letra "R" do alfabeto manual. A ponta dos dedos toca a palma da mão passiva que se encontra na configuração de nº 41. A palma da mão ativa encontra-se orientada para o lado esquerdo e palma da mão passiva está direcionada para baixo articulando-se no espaço neutro. O movimento é unidirecional para cima. O sinal **RODOVIÁRIA INTERNACIONAL** não apresenta expressões não manuais.

Figura 5 – Estrutura do sinal RODOVIÁRIA INTERNACIONAL

Sinal escrito Rodoviária Internacional de Rio Branco	Configuração de mãos	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de palma	Expressão facial/corporal
	 CM com dedos fechados e polegar estendido (ME).	Espaço neutro.	* Movimento "tocar".	 Palma da mão para baixo.	Sem expressão facial e corporal
	 CM em "R" (MD).			 Palma da mão para esquerda.	

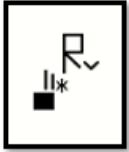




Fonte: Elaborado pelos autores.

O sinal **SKATE PARQUE** é realizado com duas mãos: uma ativa e outra passiva. A mão ativa apresenta configuração de mão de nº 10, referente à letra "V" do alfabeto manual.

manual. A palma da mão encontra-se orientada para trás, com os dedos indicador e médio para baixo, articulando-se sobre os dedos indicador e médio da mão passiva, com o dedo médio em movimento para a frente e para trás plano chão.

A mão passiva, por sua vez, encontra-se em configuração de nº 12, referente às letras “U” do alfabeto manual. A palma da mão encontra-se orientada para baixo e os dedos indicador e médio para frente, articulando-se no espaço neutro sem movimentos.

Figura 6 – Estrutura do sinal Skate Parque







Sinal escrito Skate Parque	Configuração de mãos	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de palma	Expressão facial/corporal
	 CM em “V” invertido (MD).	Espaço neutro.	* Movimento “tocar”.	 Palma da mão para trás.	Sem expressão facial e corporal
	 CM indicador e dedo médio (ME).		v Movimento de flexões nos dedos.	 Palma da mão para baixo.	

Fonte: Elaborado pelos autores.

O sinal TERMINAL URBANO é realizado com duas mãos: uma ativa e outra passiva. A mão ativa tem a configuração de nº 10, referente à letra “V” do alfabeto manual. A palma da mão encontra-se orientada para o lado esquerdo. Nesse ponto, articula-se na parte de baixo do braço da mão passiva com o movimento de esfregar linear da direção da mão passiva para fora do braço de um lado para o outro.

Já a mão passiva tem a configuração de nº 89, referente à letra “T” do alfabeto manual, que faz um movimento em rotação de 90 graus para a direita. A palma da mão encontra-se orientada para baixo, sem movimento.

Figura 7 – Estrutura do sinal TERMINAL URBANO














Sinal escrito Terminal Urbano	Configuração de mãos	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de palma	Expressão facial/corporal
	 CM em “T” (ME).	Espaço neutro.	@ Movimento “esfregar”.	 Palma da mão para baixo.	Sem expressão facial e corporal
	 CM em “V” na lateral (MD).		 Setas simples para direita e esquerda.	 Palma da mão para esquerda.	

Fonte: Elaborado pelos autores.

O sinal VIA VERDE SHOPPING é realizado com duas mãos ativas: no primeiro momento, a mão encontra-se em configuração nº 28, referente à letra “P” do alfabeto manual. As palmas das mãos encontram-se orientadas para baixo, articulando-se no espaço neutro, com o movimento circular repetido de fora para dentro.

No segundo momento, as duas mãos ativas assumem a configuração de mão de nº 10, referentes à letra “V” do alfabeto não manual. As palmas das mãos encontram-se orientadas para frente, de modo que o sinalizante vê somente o dorso. O sinal se articula em espaço neutro, com movimentos opostos retilíneos plano parede.

Figura 8 – Estrutura do sinal VIA VERDE SHOPPING

Sinal escrito Via Verde Shopping	Configuração de mãos	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de palma	Expressão facial/corporal
	 CM em “P” (MD).	Espaço neutro.	 Círculo de giro total de pulso na mão direita (MP).	 Palma da mão para frente (MD).	Sem expressão facial e corporal
	 CM em “P” (ME).		 Círculo de giro total de pulso na mão esquerda (MP).	 Palma da mão para frente (ME).	
	 CM em “V” (MD).		 Setas simples para a direita.	 Palma da mão para frente (ME).	
	 CM em “V” (ME).		 Setas simples para a esquerda.	 Palma da mão para frente (MD).	

Fonte: Elaborado pelos autores.

No caso das composições morfológicas, os dados apresentaram as seguintes classificações, como demonstradas no quadro a seguir:

Quadro 2 – Classificação morfológica dos topônimos em Libras.

Sinal	Classificação morfológica
MEMORIAL DOS AUTONOMISTAS	Simple híbrido
MUSEU DA BORRACHA	Simple híbrido
PALÁCIO DO GOVERNO	Simple híbrido
PASSARELA JOAQUIM MACEDO	Composto híbrido
RODOVIÁRIA INTERNACIONAL	Simple híbrido
SKATE PARQUE	Simple
TERMINAL URBANO	Simple híbrido
VIA VERDE SHOPPING	Simple híbrido

Fonte: Dados da pesquisa.

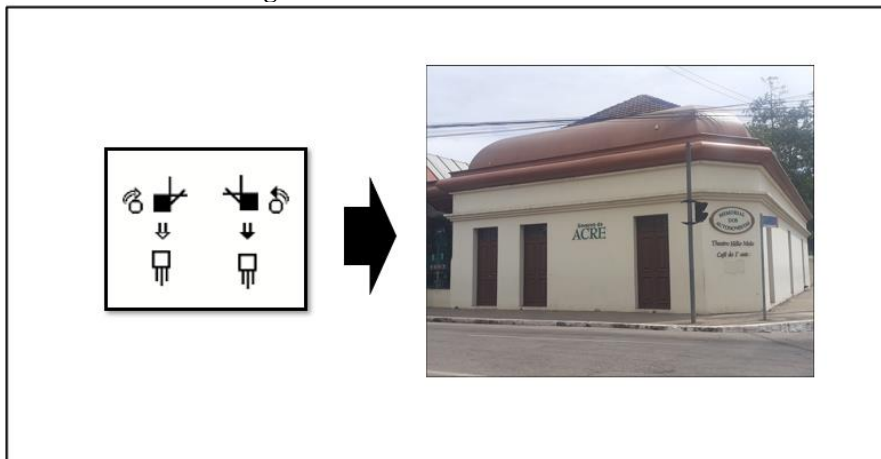
Como se vê, com base nas classificações apresentadas no quadro, há uma diversidade de tipos de formação morfológica nos sinais pesquisados: 1 sinal é do tipo *simple*, 6 sinais são do tipo *simple híbrido* e 1 sinal é do tipo *composto híbrido*. Apenas o tipo *composto* não apareceu nos dados coletados.

3.2 Análise semântico-motivacional

O sinal MEMORIAL DOS AUTONOMISTAS utiliza como elementos de esquematização a estrutura arquitetônica do espaço, além da configuração em “M”, remetendo à inicial da palavra “Memorial”. Na codificação, são utilizadas as duas mãos que, simultaneamente, produzem o sinal.

Desse modo, o sinal é classificado como ergotopônimo e acronimotopônimo. No primeiro caso, pela referência à construção do espaço; no segundo caso, pela influência da língua portuguesa nos articuladores de formação do sinal.

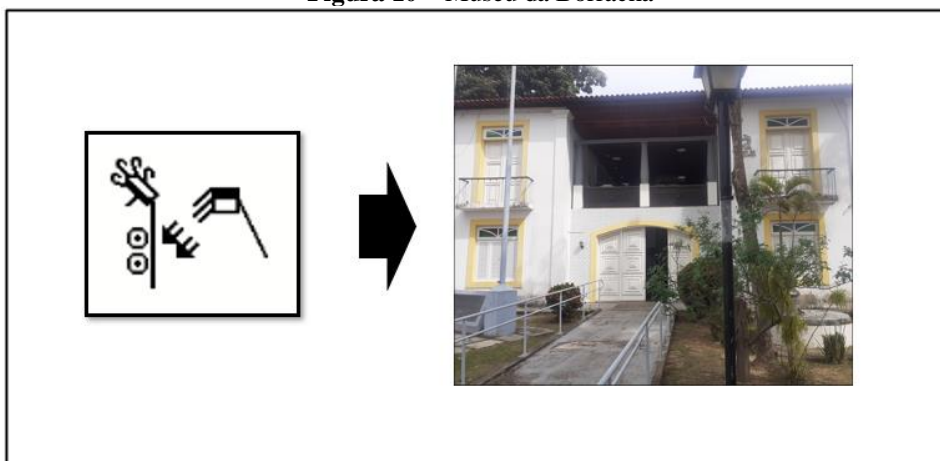
O espaço Museu dos Autonomistas encontra-se ilustrado a seguir, acompanhado do sinal toponímico em Libras em *SignWriting*.

Figura 9 – Memorial dos Autonomistas

Fonte: Arquivo do projeto.

Na formação do sinal MUSEU DA BORRACHA verifica-se a relação da formação do sinal com a árvore da seringueira, de onde o trabalhador da floresta extrai o látex. Há, ainda, elementos como os cortes no tronco, feitos pela ação humana, com a configuração da mão em “M” – fazendo referência à inicial da palavra “Museu”. Neste caso, o sinal pode ser classificado como sociotopônimo (pela referência ao trabalho do seringueiro) e acronimotopônimo, em referência à inicial “M”.

Na figura a seguir, apresentamos o Museu da Borracha e o sinal toponímico em *SignWriting*.

Figura 10 – Museu da Borracha

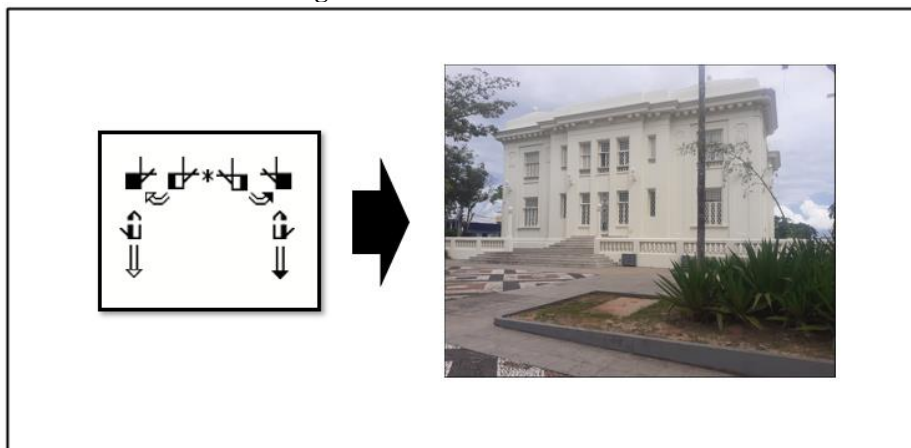
Fonte: Arquivo do projeto.

O sinal PALÁCIO DO GOVERNO estabelece relação entre sua estrutura linguística e às formas arquitetônicas do palácio: a parte superior possui um formato de arco do lado esquerdo e direito e as paredes da construção. Ainda identificamos referência

à letra “P” – inicial de Palácio. Trata-se, portanto, de um ergotopônimo (pela referência à construção do palácio) e um acronimotopônimo (pela referência ao grafema).

Na figura a seguir é possível visualizar o Palácio do Governo e seu sinal toponímico correspondente em *SignWriting*.

Figura 11 – Palácio do Governo



Fonte: Arquivo do projeto.

No sinal toponímico PASSARELA JOAQUIM MACÊDO encontram-se dois referentes utilizados como elementos motivadores do sinal: a ponte semicircular (a construção) e a letra inicial de “passarela”.

No processo de codificação, esses elementos foram utilizados: na primeira parte do sinal: o formato da ponte; na segunda parte, os cabos e as colunas. Taxionômicamente, temos um ergotopônimo (em referência à passarela) e um acronimotopônimo (em referência ao grafema “P”).

O espaço Passarela Joaquim macêdo, que está localizado no Centro da capital acreana, está ilustrado a seguir. Na imagem, é possível ver, em *SignWriting*, o sinal toponímico correspondente ao espaço nomeado.

Figura 12 – Passarela Joaquim Macêdo



Fonte: Arquivo do projeto.

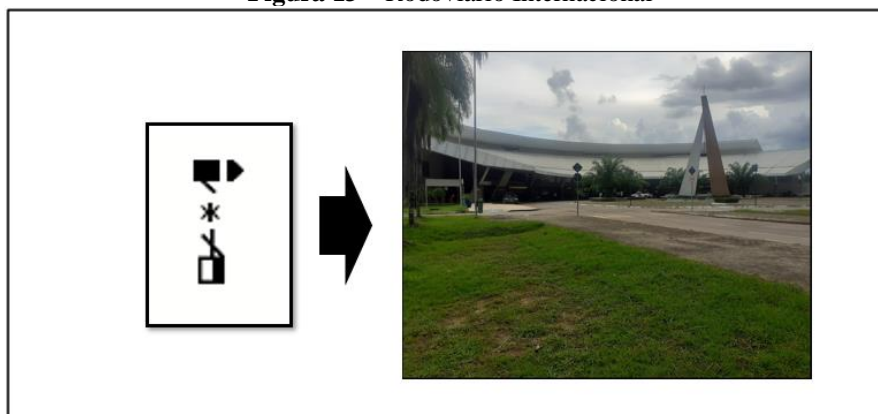
O sinal **RODOVIÁRIA INTERNACIONAL** faz relação a dois referentes que se localizam logo na entrada do espaço geográfico em questão: primeiramente, o teto que faz parte da estrutura arquitetônica do local; em seguida, o monumento constituído no jardim que fica localizado na entrada da rodoviária. O monumento é construído a partir de duas colunas que se cruzam.

Na codificação do sinal, o monumento é refletido nos dedos cruzados e o teto, na palma da mão estendida (mão passiva) sobre os dedos cruzados (mão ativa), utilizando-se da configuração em “R” em referência à inicial de “rodoviária”.

Assim, podemos classificar o sinal em ergotopônimo – pela referência às construções arquitetônicas que motivaram a criação do sinal – e acronimotopônimo, pela referência ao grafema “R”.

A seguir, o espaço nomeado – Rodoviária Internacional – é ilustrado com a indicação do sinal toponímico em *SignWriting*.

Figura 13 – Rodoviário Internacional

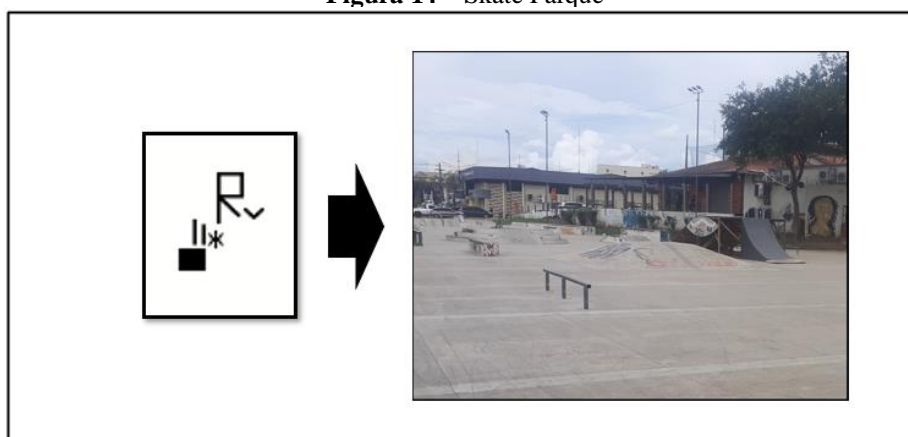


Fonte: Arquivo do projeto.

O sinal toponímico SKATE PARQUE parte da seleção de dois elementos principais: o próprio skate (equipamento de esporte) e o skatista em ação. Na codificação, a mão passiva aparece em configuração com dois dedos estendidos (dedo médio e anelar). A mão ativa, faz movimentos referidos aos movimentos do skatista sobre o skate.

O sinal SKATE PARQUE é do tipo sociotopônimo, em referência à prática do esporte. A figura 14, a seguir, apresenta uma ilustração do espaço, acompanhado da escrita do sinal toponímico (*SignWriting*).

Figura 14 – Skate Parque



Fonte: Arquivo do projeto.

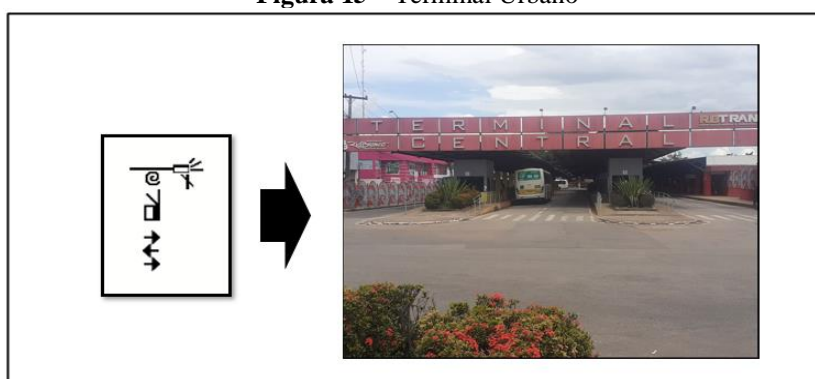
O sinal TERMINAL URBANO faz referência a dois elementos: à estrutura arquitetônica do espaço, especialmente à cobertura, sobre o espaço onde os passageiros embarcam e desembarcam do ônibus; e ao fluxo de pessoas que transitam pelo local. No

processo de codificação, esse elementos utilizam os articuladores: mão passiva (para o teto) e mão ativa (para o movimento de pessoas).

No caso da estrutura superior do Terminal, a configuração de mão faz referência ao grafema “T” – inicial de “terminal”. Portanto, temos um sinal com duas classificações taxionômicas: ergotopônimo, pela referência à estrutura do espaço nomeado; e acronimotopônimo, pela referência à letra “T”.

A seguir, ilustramos o Terminal Urbano, localizado no Centro comercial da capital do Acre. Ao lado, temos, em *SignWriting*, o topônimo em Libras.

Figura 15 – Terminal Urbano

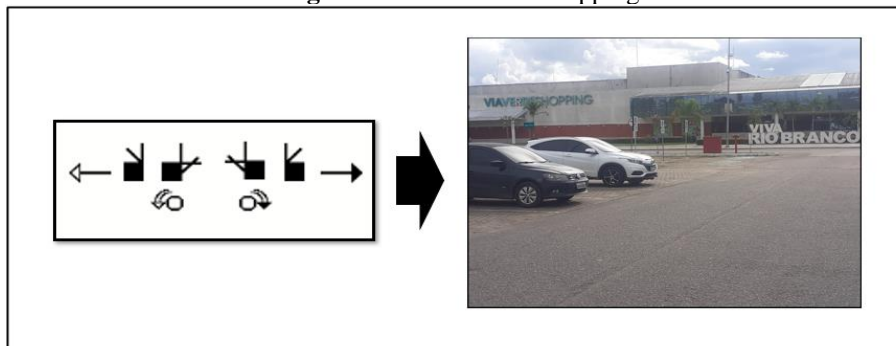


Fonte: Arquivo do projeto.

O sinal VIA VERDE SHOPPING utiliza como imagem de seleção o letreiro do referido espaço, que possui duas letras “V” em suas extremidades. São essas letras que aparecem na codificação do sinal que se utiliza de movimentos relacionados ao sinal SHOPPING.

Como o sinal faz referência a duas letras “V” (referente às iniciais de “Via” e “Verde”), temos um acronimotopônimo. A seguir, podemos visualizar a imagem do Via Verde Shopping e de seu sinal em *SignWriting*.

Figura 16 – Via Verde Shopping



Fonte: Arquivo do projeto.

Ao final, verificou-se que a maioria dos sinais dos espaços urbanos se Rio Branco, selecionados neste estudo, apresentou motivação relacionada às estruturas arquitetônicas dos espaços nomeados. Tal como demonstraram outros estudos toponímicos em Libras, a visualidade parece prevalecer no ato de nomear espaços por Surdos.

Considerações finais

Como afirma Sousa (2022b), por meio dos estudos toponímicos em Libras podemos perceber os reflexos da experiência visual dos surdos e marcas da sua cultura na produção dos sinais que nomeiam os espaços dos quais esses sujeitos fazem parte. A Toponímia consegue aliar, em seus estudos, aspectos que vão além do linguístico, buscando contribuições na Antropologia, na História, na Geografia etc.

A análise dos sinais que nomeiam 8 espaços públicos urbanos de Rio Branco - MEMORIAL DOS AUTONOMISTAS, MUSEU DA BORRACHA, PALÁCIO DO GOVERNO, PASSARELA JOAQUIM MACEDO, RODOVIÁRIA INTERNACIONAL, SKATE PARQUE, TERMINAL URBANO e VIA VERDE SHOPPING – possibilitou verificar que, quanto aos aspectos estruturais, os topônimos utilizam parâmetros de formação próprios da língua nativa, com significativa influência da língua oral: dos 8 sinais analisados, 6 apresentam Empréstimo da Língua Oral.

Estudar a toponímia é relacionar as características de uma língua com os fatores culturais inerentes a ela. Como lembra Sousa (2022), a toponímia em Libras revela reflexos da cultura surda, da experiência visual dos surdos e do contexto social em que surdos e ouvintes convivem.

Os dados analisados nesta pesquisa, de um modo geral, mostraram como a visualidade do surdo (nomeador) se revela na produção dos sinais atribuídos a espaços urbanos de Rio Branco. As características da arquitetura, por exemplo, foram muito presentes em sinais como RODOVIÁRIA INTERNACIONAL. TERMINAL URBANO E PASSARELA JOAQUIM MACÊDO. Os resultados deste estudo se somam aos demais desenvolvidos no âmbito da toponímia em Libras do estado do Acre e, de modo especial, ao *Projeto Atlas Toponímico em Libras do Brasil*.

Referências

- BARRETO, M.; BARRETO, R. **Escrita de sinais sem mistério**. Salvador: Libras Escrita, 2015.
- BATTISON, R. Phonological deletion in American Sign Language. **Sign Language Studies**, v. 5, p. 1-19, 1974.
- CARDOSO, A. L. **Toponímia brasílica**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961.
- DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e antroponímia do Brasil**: coletânea de estudos. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992.
- DICK, M. V. de P. do A. **Atlas toponímico**: um estudo de caso. Acta Semiotica et Linguística. SBPL. São Paulo: Plêiade, v. 6, p. 27-44, 1996.
- DICK, M. V. de P. do A. **Atlas toponímico**: um estudo dialetológico. Revista Philologus. Rio de Janeiro, v. 10, p. 61-69, 1998.
- DICK, M. V. de P. do A. **A dinâmica dos nomes na Cidade de São Paulo 1554-1897**. São Paulo: ANNABLUME, 1999.
- DICK, M. V. de P. do A. **O nome próprio**: significado e referência. Estudos Lingüísticos XXIX. Assis: UNESP, p. 246-250, 2000.
- DICK, M. V. de P. do A. O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (org.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2001. p. 79-90.

DICK, M. V. de P. do A. Aspectos de etnolingüística – a toponímia carioca e paulistana – contrastes e confrontos. **Revista USP**, São Paulo, n. 56, p. 180-191, 2002. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i56p180-191>

DICK, M. V. de P. do A. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2004, 121-131.

DICK, M. V. de P. do A. Fundamentos Teóricos da Toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, M. C. T. C. (org.) **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2006. p. 91-117.

DRUMOND, C. **Contribuições do bororo à toponímia brasileira**. São Paulo: USP/IEB, 1965.

MELLO, O. **Topônimos amazonenses** – nomes das cidades amazonenses, sua origem e significado. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1967.

OLIVEIRA, A. L. **Toponímia carioca**. Rio de Janeiro [Distrito Federal]: Secretaria de Educação e Cultura, 1957.

QUADROS, R. M. **Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SAMPAIO, T. **O tupi na geografia nacional**. Salvador: Câmara Municipal, 1901.

SOUSA, A. M. Metodologia para a pesquisa toponímica em língua Brasileira de Sinais. In: SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C.. **Perspectivas para o ensino de línguas 2**. Rio Branco: Nepan, 2018, p. 9-37.

SOUSA, A. M. **Toponímia em Libras**. Relatório (Pós-Doutorado – Linguística Aplicada/Libras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2019.

SOUSA, A. M. Onomástica em Libras. In: SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C.. **Perspectivas para o ensino de línguas 6**. Rio Branco: EDUFAC, 2022a, p. 5-20.

SOUSA, A. M. **Toponímia em Libras: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022b.

SOUSA, A. M.; DARGEL, A. P. T. P. Caminhos da Toponímia no Brasil e as contribuições de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. **Revista GTLex**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 6–19, 2021. DOI: 10.14393/Lex11-v6n1a2020-1. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/60925>. Acesso em: 10 out. 2022.

SOUSA, A. M.; QUADROS, R. M.. Proposta de ficha lexicográfico-toponímica digital para o estudo da toponímia em línguas de sinais. **Revista Guavira**, Três Lagoas, v. 15, n. 30, p. 126-140, 2019.

SOUZA-JÚNIOR, J. E. Gomes. **Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade de Brasília – UnB. Brasília, 2012.

STOKOE, W. Sign Language structure: an outline of the communication systems of the American deaf. **Studies in Linguistics**. Buffalo: Department of Anthropology and Linguistics, University of Buffalo, 1960.

TAUB, S. **Language from the body: iconicity and metaphor in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.